



RELAÇÕES EXTERIORES

Lula: pauta positiva e respeito de Trump

Presidente diz estar aberto a conversar com o republicano até pessoalmente, sem temor de ser humilhado, como foram outros chefes de Estado. Segundo ele, tudo pode ser discutido entre os dois, desde que não afete a soberania do Brasil

» VICTOR CORREIA

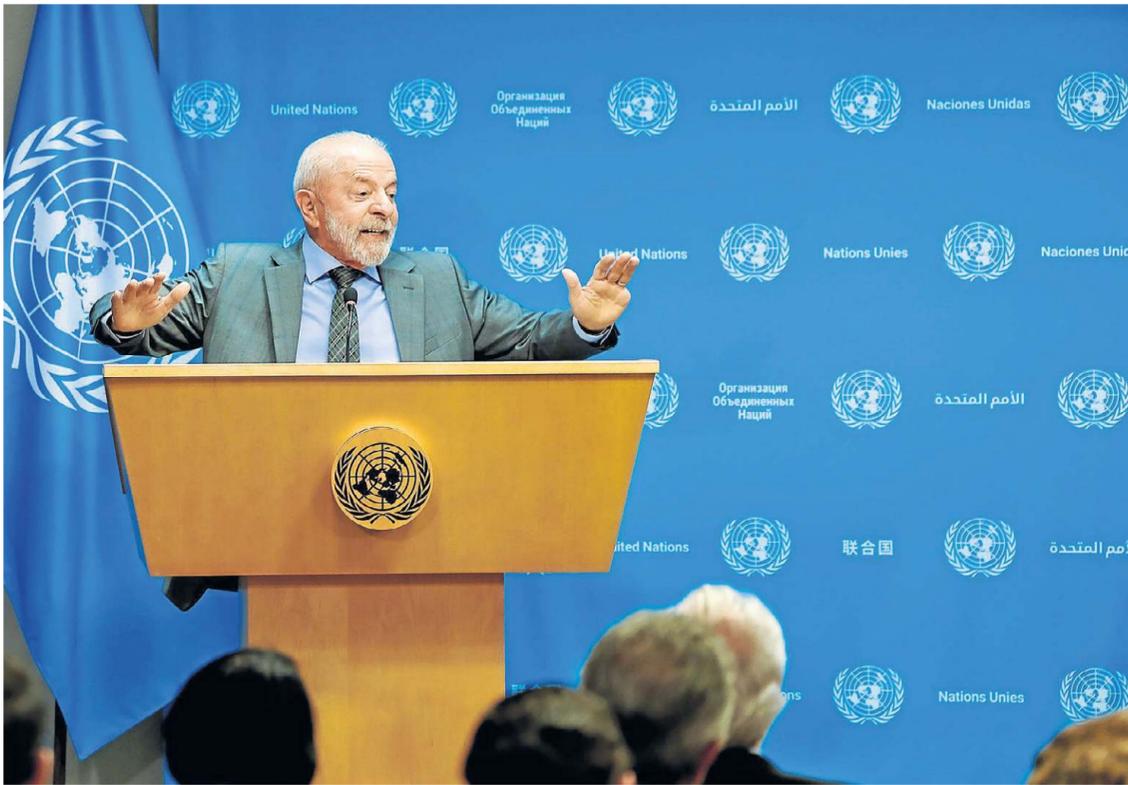
O presidente Luiz Inácio Lula da Silva comemorou ontem a conversa que teve com o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, durante a Assembleia Geral das Nações Unidas, em Nova York. Segundo o chefe do Executivo, “aquilo que parecia impossível, aconteceu”, e a conversa ocorreu por acaso, enquanto os dois trocavam de lugar para discursar na tribuna. Lula disse querer estabelecer uma “pauta positiva” entre o Brasil e os EUA na reunião que deve ter com o republicano, por videoconferência ou telefonema, na próxima semana. Também explicou que aceitaria uma reunião presencial e afirmou não temer constrangimentos.

“Eu tive a satisfação de ter um encontro com o presidente Trump. Aquilo que parecia impossível deixou de ser impossível e aconteceu. E eu fiquei feliz quando ele disse que pintou uma ‘química boa’ entre nós”, declarou Lula, durante coletiva de imprensa na sede da ONU, último compromisso oficial em Nova York. Foi a primeira vez que ele comentou sobre a conversa com Trump. “Como eu acho que a relação humana é 80% química e 20% emoção, acho que é muito importante essa relação, e eu torço para que dê certo, porque Brasil e Estados Unidos são as duas maiores democracias do continente”, acrescentou.

Questionado por jornalistas, o presidente brasileiro negou ter preocupação com um possível constrangimento por parte de Trump em um encontro pessoal, como ocorreu com a visita do presidente da Ucrânia, Volodymyr Zelensky, e a do presidente da África do Sul, Cyril Ramaphosa, ambos humilhados na Casa Branca. “Não há por que ter brincadeira entre dois homens de 80 anos de idade. Ele certamente vai me tratar com o respeito que merece o presidente da República Federativa do Brasil, e eu vou tratá-lo com o respeito que merece o presidente dos Estados Unidos”, respondeu.

Na terça-feira, durante discurso na Assembleia Geral, Trump anunciou que havia conversado com Lula e combinado um encontro na próxima semana. Apesar de reforçar críticas sobre uma suposta perseguição judicial no Brasil — sem citar o ex-presidente Jair Bolsonaro — e a prática de altas tarifas contra

Ricardo Stuckert/PR



UN Photo/Mark Garten



ONU divulgou foto de Trump assistindo ao discurso de Lula na terça

“Eu gostei dele”

Trump afirmou que Lula parece ser “um homem muito legal”. “Ele gostou de mim, eu gostei dele. Eu só faço negócios com pessoas de quem gosto. Quando não gosto delas, eu não gosto delas. Mas tivemos, por pelo menos 39 segundos, uma excelente química. É um bom sinal”, contou, durante o discurso.

» EUA criticam “narrativa falsa”

O Escritório de Assuntos do Hemisfério Ocidental do Departamento de Estados dos EUA afirmou, ontem, que é falsa a narrativa de um “bloqueio” contra Cuba e que isso é “apenas uma das muitas mentiras da ditadura fracassada da ilha”. “O povo cubano e o mundo podem ver com seus próprios olhos. Se a ‘revolução’ está indo tão bem, por que a ditadura tem tanto medo de eleições verdadeiramente livres e democráticas?”, escreveu a conta oficial do escritório na rede X. A publicação ocorreu após o presidente Lula afirmar em seu discurso na Assembleia Geral do ONU, na terça-feira, que é inadmissível que Cuba seja listada como país que patrocina o terrorismo e que outras partes do planeta já testemunharam intervenções que causaram danos maiores do que se pretendia evitar.

produtos americanos, o republicano fez elogios ao petista e disse que teve uma “química excelente” com ele. A declaração pegou o governo brasileiro e o mundo político de surpresa, já que, até então, não havia nenhum sinal dos Estados Unidos sobre a possibilidade de negociação com o Brasil.

Para Lula, Trump está “mal informado”, e ele espera que a conversa mude a posição do americano sobre as sanções impostas a produtos e a autoridades brasileiras, como a

sobretaxa de 50%, a suspensão de vistos e a aplicação da Lei Magnitsky contra o ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) Alexandre de Moraes e sua esposa.

“Estou convencido de que algumas decisões tomadas pelo presidente Trump se deveram à qualidade das informações que ele tinha sobre o Brasil. Na hora que ele tiver as informações corretas, pode mudar de posição, da mesma forma que o Brasil pode mudar de posição”, frisou. O presidente também

Estou convencido de que algumas decisões tomadas pelo presidente Trump se deveram à qualidade das informações que ele tinha sobre o Brasil. Na hora que ele tiver as informações corretas, pode mudar de posição”

Luiz Inácio Lula da Silva,
presidente da República

comentou estar “otimista” com a possível reunião com Trump, apesar da tensão diplomática entre os dois países e das sanções impostas pelos EUA ao Brasil.

“Eu disse ao presidente Trump o seguinte: não tem limite a nossa conversa. Vamos colocar na mesa tudo, tudo que acha que deva conversar”, contou. No entanto, ele reforçou a defesa da soberania e da democracia brasileiras. “Isso não é discutível nem com o presidente Trump, nem com nenhum presidente do mundo”, acrescentou.

O chefe do Executivo afirmou que os dois países possuem uma série de interesses empresariais, comerciais, industriais, tecnológicos e científicos, e que não vê motivo para que Brasil e Estados Unidos vivam em um momento de conflito. Além disso, destacou não levar em conta diferenças ideológicas ao tratar de relações entre chefes de Estado.

“Eu fiquei satisfeito quando ele disse que é possível a gente conversar, e quem sabe em alguns dias, quando a gente possa se encontrar e fazer uma pauta positiva entre Brasil e EUA”, ressaltou.

Presidente prega autocrítica da esquerda

No evento “Em Defesa da Democracia”, ontem, às margens da Assembleia Geral das Nações Unidas, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva questionou se o avanço da extrema-direita no mundo é “virtude deles ou incompetência nossa”, citando os governos democráticos. Ele destacou que, após os pleitos, presidentes, muitas vezes, deixam de lado os eleitores para atender aos “interesses dos inimigos”. Também pregou autocrítica da esquerda pelo distanciamento em relação à sociedade civil.

“O que me importa hoje é a gente responder para nós mesmos: onde os democratas erraram? Em que momento a esquerda errou? Por que nós permitimos que a extrema-direita crescesse com a força que estão crescendo? É virtude deles,

ou incompetência nossa”, declarou.

Em fala de nove minutos, Lula destacou que falta organização das forças democráticas, especialmente da esquerda, e uma aproximação dos governos com o povo. “Antes de a gente procurar a virtude do extremismo de direita, temos de procurar os erros que a democracia cometeu na relação com a sociedade civil, como a gente está exercendo a democracia nos nossos países”, sustentou. “Se a gente encontrar essa resposta, a gente volta a vencer a direita. Se não, vamos continuar sendo sufocados pelo negacionismo, pelo extremismo e pelo discurso fascista que nós estamos vendo agora”, emendou.

O chefe do Executivo citou, ainda, o Foro de São Paulo como

exemplo de integração entre as esquerdas de diferentes países. O grupo, criado nos anos 1990, reuniu organizações de países da América Latina e contou com a participação do então presidente de Cuba, Fidel Castro.

Desprezo

Lula questionou, também, as prioridades do governo após a eleição. “Muitas vezes, a gente ganha as eleições com um discurso de esquerda e quando a gente começa a governar a gente atende muito mais os interesses dos nossos inimigos do que dos nossos amigos”, comentou. “Muitas vezes, a gente governa dando resposta ao que a imprensa publica sobre nós, à cobrança

do mercado. A necessidade de contentar o mercado, de contentar os adversários. E, muitas vezes, os nossos eleitores, que foram para a rua, que apanharam, que foram achincalhados são considerados por nós sectários e radicais”, frisou.

O evento “Em defesa da democracia” realizou sua segunda edição, sempre às margens da Assembleia Geral. Neste ano, o governo brasileiro não convidou os Estados Unidos para participar, após a mudança de gestão de Joe Biden para Donald Trump, e em meio à tensão diplomática entre os dois países. Entre os líderes presentes, estavam: Pedro Sánchez (Espanha), Yamandu Orsi (Uruguai), Gabriel Boric (Chile), e Gustavo Petro (Colômbia). (VC)

Ricardo Stuckert/PR



No evento, Lula destacou que falta organização das forças democráticas